



Identidade Nacional Através da Literatura em Sílvio Romero¹

Rogério Soares Brito²

Resumo

Em meados do século XIX o Brasil havia se tornado a pouco livre politicamente do jugo colonial português e buscava agora as razões para construção de sua identidade. As várias teorias científicas em voga naquele momento marcaram profundamente as discussões de intelectuais e artistas na busca dessa identidade. O que éramos, como havíamos nos formado, quais as razões de nosso atraso em comparação com as outras nações desenvolvidas, o que impedia o nosso desenvolvimento, eram apenas algumas das perguntas que inquietavam escritores, críticos e historiadores. Entre esses se destaca a figura do polemista sergipano Sílvio Romero. O presente artigo parte da análise crítica de sua obra capital *História da Literatura Brasileira* de 1888, para entender o seu pensamento sociológico-literário - marcado por várias contradições - no processo de desenvolvimento de uma consciência de identidade nacional capaz de solucionar os problemas brasileiros a partir das análises que esse fez da literatura de seu tempo.

Palavras-chave: *Identidade Nacional, Literatura, Sílvio Romero.*

As origens de nossa identidade nacional ocuparam as discussões de muitos dos nossos intelectuais e literários do século XIX até o alvorecer do século XX, cobrindo um percurso que vai do Romantismo até o Modernismo. Surgiram aí, sem dúvida as grandes figuras e as grandes obras que constituem as bases da Literatura Brasileira. Do Indianismo Romântico de José de Alencar, passando pelo pensamento militante de Sílvio Romero, até

¹ Trabalho desenvolvido durante o período de graduação do autor.

² Professor de Literatura Brasileira da UNEB - Campus VI Caetité-Ba. Pós-graduado em Estudos Comparado em Literatura de Língua Portuguesa na Universidade Estadual Santa Cruz - UESC, 2007. e-mail: rosoarez@yahoo.com.br

os Modernistas, as discussões sobre nossas feições psicológicas, culturais, mentais e ideológicas, marcaram o embate sobre o caráter nacional brasileiro.

As lutas pela construção desse ideário tiveram como palco principal de contentas, o universo literário. E nesse cenário, esses reformistas do pensamento tiveram como preocupação básica, a elaboração de uma consciência nacional, livre das influências estrangeiras, na busca de um referencial negado pela história, para justificação de uma unidade, que inspirasse o povo um sentimento de identidade que a um só tempo amalgamasse e projetasse o Brasil para o futuro.

A raiz desse ideário estava, sem dúvida, na necessidade de forjar uma nacionalidade que traduzisse a realidade, para o estabelecimento de símbolos que definissem o brasileiro.

Entre aquelas figuras que primeiro pensaram e forjaram um discurso sobre o caráter nacional, destaca-se a do sergipano Sílvio Romero (1851-1914), polemista aguerrido e literário frustrado, autor de inúmeras obras poéticas, ensaísticas e críticas, entre essas se destaca, *História da Literatura Brasileira* (2 volumes) de 1888, obra capital da crítica e da história literária brasileira, onde o autor expõe suas ideias sobre o atraso de nossa gente.

Analisaremos aqui suas contribuições para construção do espírito de nacionalidade no Brasil do século XIX. Seu pensamento crítico, seu ímpeto nacionalista, as influências da Escola de Recife, a presença de Tobias Barreto, as varias teorias científicistas tão em voga e profusas no seu pensamento e, o seu processo de desenvolvimento de uma consciência de identidade nacional. A presença do Romantismo nessa discussão se deve a introdução desses, na construção do conceito de caráter nacional, muito “embora seja possível imaginar antecedentes e precursores do conceito de caráter nacional, a sua forma atual decorre do Romantismo” (LEITE, 1983, p. 20), como bem já afirmava Dante Moreira Leite.

A produção de todo esse capital especulativo, sobre as razões de nosso caráter, não obstante seus precursores e predecessores encontraram como já afirmamos, em Sílvio Romero, sua fase mais marcante. Seja porque esse elaborou com uma consciência nova as nossas coisas já pronunciadas, seja porque concorreu para sua perenidade.

Porquanto, esse insistia na necessidade de fundar um entendimento sobre as nossas origens e, ainda tenha como assegura Antonio Candido, “ajudado um homem como Mário de Andrade a definir a sua densa visão de cultura... e influído diretamente no modo de Gilberto Freire conceber a gênese das classes dominantes” (CANDIDO apud ROMERO, 2001, p. 17). Foi, de todos os críticos do Brasil, possivelmente o que tivesse a mais extensa

erudição. Sobre ele, ainda se mostrou devedor, por seu caráter contributivo aos estudos populares, o potiguar Luis da Câmara Cascudo, que fez uma descrição biobibliográfica de sua vida:

Exerceu atividade intensa na divulgação, estudo e crítica e na apreciação de todos os aspectos da cultura humana. Foi o maior divulgador e agitador de idéias culturais de sua época. Sua bibliografia é extensa, contando livros sobre quase todos os assuntos. Iniciou a história literária no Brasil. O folclore lhe deve as primeiras coleções de contos, cantos e poesias populares, explicações, comentários, valorizações, enfrentando a indiferença e a ignorância do ambiente (CASCUDO, 1980, p. 98).

Não foi então sem razão, que seu nome marcou tanto o pensamento do século XIX. Sílvio Romero se pronunciou sobre quase tudo. E de fato podemos observar sua presença nas grandes discussões nacionais logo cedo quando ele ainda iniciava sua carreira intelectual. Entre 1868 e 1873 cursou a Faculdade de Direito do Recife. Nessa Faculdade conheceu Tobias Barreto³, seu grande mestre, e fundou com esse a Escola de Recife.

Essa agremiação, que agregava outros tantos intelectuais, tinha como proposição uma reforma no pensamento vigente, fundadas na necessidade de buscar soluções para os problemas brasileiros a partir da análise da índole nacional. Introduziram ainda o “naturalismo, o evolucionismo e o cientificismo, e tomou os conceitos de raça e natureza, com o fim de dar fundamentos “objetivos” e “imparciais” aos estudos da literatura.” (VENTURA, apud ROMERO, 2001, p. 10).

Essa Escola foi ainda um esforço de tomada de consciência de nossa realidade. Tudo isso se constituiu numa maneira de pensar o Brasil, pelo Brasil e para o Brasil.

No quadro geral da época, meados do século XIX, as interpretações dessa “índole” nacional, promulgada pela Escola do Recife, sofriam as influências, das já então muito valorizadas ciências biológicas, usadas de empréstimo para interpretar a organização social. A elite e os intelectuais da época se enamoraram do darwinismo, do positivismo, e das ideias evolucionistas: “o culto da ciência toma posse dos espíritos”, afirma Afrânio Coutinho (1986, p. 21), e domina a época.

³ Tobias Barreto de Meneses (Campos, Província de Sergipe 1837 - Recife, 1889) Mestiço, de origem modesta, fez estudos secundários com mestres particulares na sua província até obter, aos 15 anos o posto de professor de Latim em Lagarto. Exerceu também a profissão de filósofo, poeta, crítico e jurista. Ao lado de Sílvio Romero e outros intelectuais fundou a Escola de Recife (movimento filosófico de grande força calcado no evolucionismo europeu).

... o acontecimento mais importante da história da cultura no século XIX foi a convergência da biologia e da sociologia, que derramou por toda parte, na observação e interpretação da vida, a atitude evolucionista... A sociedade foi encarada, sob o influxo da biologia, como um organismo composto de células em funcionamento harmônico e obedecendo às leis biológicas de crescimento e morte (COUTINHO, 1986, p. 7).

A crítica literária se aproxima dos métodos das ciências naturais, de modo a adotar bases científicas e objetivas na interpretação dessas. Cheio desse espírito que domina toda essa época, Sílvio Romero intenta traduzir o brasileiro. Seu fito “é encontrar as leis que presidiriam e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito, do caráter do povo brasileiro” (ROMERO, 2001, p. 59), afirmava em sua obra mais celebrada, a *História da Literatura Brasileira*.

Ao esboçar o perfil da produção literária até aquele momento, com a publicação da *História da Literatura Brasileira*, de 1888, Sílvio Romero objetivava muito mais do que explicar os fenômenos artísticos e literários. Queria prolongar esses estudos para além dos fatores literários, e através dessa produção, pesquisar “em que consiste nossa pequenez e o que deveremos fazer para ser grandes” (ROMERO, 2001, p. 60). A adoção de bases científicas, serviu-lhe de instrumento para análise, ao mesmo tempo da qualidade de nossa literatura, e também como síntese do desenvolvimento de nosso povo.

Menos literatura, mais estudo sociológico. É como Sílvio Romero encara a realização literária em sua, *História da Literatura Brasileira*. Alfredo Bosi elenca as seguintes premissas que compõem as linhas de força do pensamento romeriano nesse estudo da literatura.

- a) a literatura - como as demais artes e o folclore – exprime diretamente fatores naturais e sociais: o clima, o solo, as raças e seu processo de mestiçagem (determinismo biossociológico);
- b) a sequência dos fatos na história ilustra a interação dos fatores mencionados; mas ela não é cega, tem um sentido: o progresso da Humanidade (evolucionismo);
- c) a melhor crítica literária será, portanto, genética e não formalista. Os critérios de juízo darão valor ao poder, que a obra deve possuir, de espelhar o meio, e não a seus caracteres de estilo (crítica externa vs. Crítica retórica). (BOSI, 1994, p. 249)

Como vimos seu ideal é perseguir leis que determinem a formação e o progresso da sociedade brasileira. Com o estudo do caráter extraliterário da literatura, proposto por ele, seria possível extrair leis que determinariam o estado evolutivo de nossa sociedade. À crítica caberia valorizar os estratos históricos, contidos em toda obra literária. Essa ainda para efeito apreciativo deveria representar o espírito nacional, e ainda, através de uma abordagem sociológica da escolha do tema, da representação do assunto, da índole do

caráter brasileiro, de espelho do meio, tudo quanto há contribuído para a diferenciação nacional, deve ser estudado, e a medida do mérito dos escritores é este critério novo (ROMERO, 2001).

Em contrapartida, todo formalismo em crítica, ligado a uma visão estética, tomada como sinônimo unicamente de “belas-letas” e não como relações históricas de um povo ou nação, poderia resultar, segundo o pensamento romeriano, em ação improfícua e estéril no exercício literário.

Dividido em duas partes a *História da Literatura Brasileira*, pode ser resumida segundo Antonio Candido como: “O livro I é uma espécie de vasta introdução ao estudo da sociedade da cultura brasileira, das quais a literatura emerge como produto”, a seguir Sílvio Romero aborda “de maneira desigual a produção intelectual até mais ou menos 1880” (CANDIDO, apud, ROMERO, 2001, p. 20).

Nesse jogo de construção do caráter nacional os critérios Taineriano: meio ambiente raça e momento histórico, encontravam-se em primeiro plano no pensamento de Sílvio Romero. Seu conceito amplo de literatura, como “estudo da sociedade” e da “cultura”, é extraído de Taine⁴: “segundo a qual a literatura era um ‘produto’ da vida social e, portanto, podia ser lida como ‘documento’ que a revela” (CANDIDO, apud, ROMERO, 2001, p. 22).

Dirigido por esses princípios Sílvio Romero concebe ainda a partir de Taine, que o texto:

interessa como decorrência da personalidade do autor, e que esta, apesar de tudo quanto possa ter de singular, se explica pela sua “representatividade”, isto é, pelo que exprime da sociedade. Por outras palavras, a personalidade, chave do texto, tem ela própria a sua chave nas influências que a moldaram de fora para dentro, providas, sobretudo da raça e da conjuntura histórica. Estas influências são as mesmas para todos, cientista, filósofo, artista, escritor. Assim, as produções destes se organizam como vasta unidade que forma a cultura e espelha a sociedade, atuando por sua vez sobre ambas como fator (CANDIDO, apud, ROMERO, 2001, p. 22).

Desse modo, a perspectiva cultural brasileira tão heterodoxa explicaria suas características essenciais. Como a languidez, o devaneio a porosidade as influências estrangeiras, a falta de originalidade, superficialidade nas faculdades inventivas, tudo isso

⁴ Hippolyte Taine (Vouziers, Champanha-Ardenas, 21 de abril de 1828 - Paris, 5 de março de 1893) foi um crítico e historiador francês. Seus métodos historiográficos consistiam em fazer história e compreender o homem à luz de três fatores determinantes: meio ambiente, raça e momento histórico. Essas teorias deterministas influenciaram todo pensamento do século XIX.

feriam as fontes de vida. Tudo isso, segundo Silvio Romero, era fartamente cantado por nossos jovens poetas, que preferiam “os sonhos e palavras retumbantes” do que “idéias científicas e demonstradas” (ROMERO, 2001, p. 95).

A falta da adoção de uma postura crítica a nossa realidade e o desinteresse, daquilo que ele chama da “alma nacional”, em favor de uma poesia “mórbida, inconsistente, vaporosa, nula” (ROMERO, 2001, p. 95) produziria uma fraqueza espiritual na construção de um ideário nacional.

Os literatos preferem desconhecer o país e o povo, sequestrar-se da alma nacional e vive enclausurado nas cidades, entregues ao sonho polucional de umas cismas raquíticas; abandonados, segundo a frase gráfica de um escritor europeu, a uma espécie de extravasamento, de *onanismo* intelectual. O rapaz aos vinte anos, entre nós, quase sempre está viciado e aos trinta é velho de corpo e de espírito (ROMERO, 2001, p.95).

Essas críticas tinham endereço certo. Empenhado em elevar o discurso sobre os valores nacionais, Sílvio Romero ataca a literatura Romântica de vertente indianista e os autores influenciados pelo mal do século⁵, mortos antes dos trinta anos, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Junqueira Freire, e muitos outros. A geração do mal do século foi assim definida por Gonçalves Dias no poema Lira Quebrada:

Uma febre, um ardor nunca apagado,
Um querer sem motivo, um tédio à vida
Sem motivo também,—caprichos loucos,
Anelo d'outro mundo, d'outras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Cismar venturas e encontrar só dores;

Fizeram-me o que vês: não canto,
sofro! Lira quebrada, coração sem forças
De poético manto as vou cobrindo,
Por disfarçar desta arte o mal que passo.⁶
[...]

⁵ Influenciados pelos poetas franceses e ingleses, uma geração de poetas nacionais desamparados pela fé, desencantados do amor, descrentes da sociedade, atiram-se voluptuosamente ao álcool, fumo ou na devassidão, esperando assim esquecer por uns instantes o tédio que os devoravam, antes que a morte implacável e prematura os viesse libertar do enfado onipotente.

⁶ O poema foi recolhido no blog do crítico e poeta Antonio Cicero. Disponível em <<http://antoniocicero.blogspot.com/2009/07/goncalves-dias-trecho-de-lira-quebrada.html>> Acessado em 20 de janeiro de 2011.

De fato, o espírito romântico do mal do século parecia atrair, como sugere o poeta, o sofrimento, a infelicidade e a desgraça aos seus grandes cultores. Keats, Byron, Shelley, Musset, terão destinos trágicos, assim como os nossos jovens poetas influenciados pelos autores europeus. Esses de vertente fatalista serão duramente combatidos por Sílvio Romero.

No outro extremo desses autores, partindo em busca de uma definição da nossa nacionalidade, estavam os Românticos influenciados pela corrente alemã. Esses procuravam valorizar as particularidades culturais de cada nação e de cada época. Na construção da busca daquilo que seria as origens de nossa nacionalidade os Românticos da primeira geração, constituíram o índio como idealização do tipo formador da nação brasileira. O indianismo alencariano apresentava uma imagem positiva do povo brasileiro, estimulado pelo amor à terra, a valorização da natureza e do homem natural. Segundo Zilá Bernd, José de Alencar pretendeu, através de um retorno mítico as raízes indígenas fundamentar o sentido de identidade: “Num ambicioso projeto de escritura, Alencar intentou a reconstituição do processo de construção da nacionalidade brasileira” (1992, p. 36).

A idealização do índio pelos autores românticos faz por vezes eles serem retratados como heróis nacionais, símbolos de força, coragem e bondade, sentimentos que os autores indianistas queriam para construir o sentido de nacionalidade idealizado por eles. Mais uma vez a lírica de Gonçalves Dias, primeiro poeta romântico, singulariza esses sentimentos no poema I-Juca Pirama. Nos primeiros versos podemos ler:

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.
(...)
(DIAS, Poemas. p. 120)

Sílvio Romero não vê o índio em grande conta e declara desastrosa sua influência na formação nacional. Assim para ele as matizes da nacionalidade que se queria desenvolver não estavam no índio como queriam os Românticos. Muito menos no branco, ou no escravo cativo da África:

A história do Brasil, como deve hoje ser compreendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetido pelos entusiastas lusos, a história exclusiva dos portugueses na América. Não é também, como quis de passagem supor o romantismo, a história dos tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros no Novo Mundo (ROMERO, 2001, p. 57).

É antes a de um povo novo formado pela “ação de cinco fatores, formação sextiária em que predomina a mestiçagem” (ROMERO, 2001, p. 57). O mestiço, amalgama dos povos que para cá chegaram e com os que aqui já existiam, é ele que se constitui como sentido do desenvolvimento da cultura de nosso povo e determinação de nossa nacionalidade. O mestiço, não o índio ou o europeu que Sílvia Romero se refere como o genuíno brasileiro.

A composição desse novo gênero, fruto da fusão imbricada dos homens que para cá vieram, se constitui para ele, como a gênese do caráter nacional. Essa gênese seria então marcada pelo “mimetismo” ou pela tendência “imitativa”, por ser formado a partir da mistura de três raças – a negra, a indígena e a latina – desprovidas de originalidade (VENTURA, apud, ROMERO, 2001, p. 17).

A dependência cultural e a influência estrangeira, tão combatida pela Escola do Recife, estariam então na formação étnica do brasileiro. Sua disposição para imitar em vez de criar, recuava o Brasil em relação às outras nações. Tudo isso devido à integração díspare de raças. Fruto de três “raças” desiguais em níveis evolutivos distintos, o brasileiro, segundo o pensamento de Sílvia Romero, era um desequilibrado.

Isso explicaria então sua birra com Machado de Assis. Representante legítimo da raça mestiça e desafeto constante. Sílvia Romero dedicará um livro inteiro para desqualificar os valores da literatura de Machado de Assis. Sua busca por leis e normas, que governariam a natureza e o espírito do homem, não lhe deixa enxergar as qualidades do literário mestiço.

Esse reducionismo da literatura de Machado de Assis às suas origens étnicas, que segundo Sílvia Romero, estaria cravado na personalidade do autor, mas se revelaria a revelia das vontades do autor nos seus textos, nas construções das imagens e nos temas de sua obra, será o exemplo mais cândido usado por ele, para justificar experiências literárias frutadas. No entanto, essa força incontida que revelaria a artificialidade do escritor, não eram desculpas para desqualificar a poesia de seu grande mestre Tobias Barreto, que assim como Machado também era mestiço. Essas e outras atitudes de Sílvia Romero marcam as contradições de sua personalidade.

Lembremos aqui o que Sílvia Romero entendia como qualidades presumivelmente cabíveis a um literário. Esse devia, segundo ele, a todo custo esquivar-se dos modismos externos, pintar, com cores nacionais as suas histórias e dar atenção aos problemas pátrios. Tudo o mais seria mero adorno na composição literária devendo, portanto, ser encarado como acessório dispensável.

Indiferente aos ataques constantes de Sílvia Romero, Machado de Assis, responde com um pequeno ensaio intitulado; *Noticias da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade*. Nele, Machado examina as circunstâncias que levaram a crítica e os literários na busca desenfreada por um ideal nacionalista: “Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade”. E acrescenta; “Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país”⁷.

Machado de Assis não mostra qualquer desinteresse por essa postura da literatura em cobrir sua imaginação com as cores pátrias. Porém adverte que:

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura⁸.

O caminho na busca de uma nacionalidade tem seus percalços uns deles é o exagero. Machado de Assis alerta para um reducionismo dogmático a que estavam dirigindo à literatura. Um lugar onde só eram reconhecidos como valorosos os autores que pintavam com as cores nacionais as suas histórias reduzia sem dúvida o cabedal de possibilidades a disposição de qualquer autor.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço⁹.

Ao estabelecer doutrinas tão rígidas como princípio a busca da nacionalidade na literatura, Sílvia Romero negou tudo mais como valor. Por essa postura intransigente

⁷ ASSIS, Machado. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/cdrom/assis/massis.pdf>> Acessado em 20 de janeiro de 2011.

⁸ Ibidem

⁹ Ibidem.

Antonio Candido o classificou como insensivelmente incapaz de apreciar uma obra literária, limitando-se apenas a julgá-la segundo seus valores sociológicos. Ao nivelar o valor da produção literária às cores da nação e a busca de uma identidade Sílvia Romero acabou por erigir, de maneira indevida, os valores próprios da sociedade à qual se pertence em valores universais, estabelecendo assim valores estáveis à literatura.

Tais pensamentos, no entanto, correspondem a um modo de ver a literatura como se, no fundo, ela pudesse ressaltar ou contrastar a realidade nacional, para, a partir daí se constituir um retrato vivaz de nossos costumes, hábitos e interesses. Sílvia Romero pretendia construir um retrato vasto da realidade nacional. A literatura seria como produto de fatos naturais e sociais, um pretexto para revelação de quem somos, e a partir daí revalorizarmos nossa identidade, despertando-nos da paralisia inebriante dos sonhos românticos, e de suas fantasias melancólicas. Somente um estudo sociológico apoiado na razão cientificista elevaria nossa cultura. Esse era seu modo próprio de atuar em favor da construção de um ideal nacionalista. Intentando com isso uma reforma no pensamento, a fim de originar uma autonomia nas letras e na civilização tropical.

A contribuição de seu pensamento - mesmo que marcada por contradições e visões reducionistas como pudemos observar - e de outros de sua geração, como Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, José Veríssimo, tem o mérito de introduzir e impulsionar no Brasil a cultura histórica moderna, e ainda como observa Roberto Ventura:

... rompe as amarras do pensamento religioso em prol de uma visão laica do mundo. Pregavam um ideário modernizante, que unia naturalismo e evolucionismo à causa da abolição e da república. Traziam uma nova concepção da literatura e da história, marcada pelo ponto de vista histórico e evolutivo, o que trazia desdobramentos políticos. De acordo com a visão histórica, o direito e as instituições deveriam “evoluir” junto com os costumes e a sociedade, o que torna possível a crítica ao *status quo*, amparado na monarquia e na escravidão. Não haveria, portanto, direito divino, ou estruturas sagradas capazes de garantir o predomínio eterno da coroa e da igreja (VENTURA, apud, ROMERO, 2001, p. 12).

Se, contudo, sua radical tomada de decisão causasse problemas e muitos desafetos, foi, porém, sua postura polemista, principalmente, que perenizou os discursos sobre o caráter nacional. Suas discussões puseram em relevo, durante toda metade do século XIX e princípios do XX, as causas da contribuição da literatura para o exame de nossa nacionalidade. Todas essas discussões, de certo modo, giram em torno de sua empresa maior, a *História da Literatura Brasileira*. Onde pôs o “essencial do que desejava dizer

sobre a cultura e mesmo a sociedade do seu país” (CANDIDO, apud, ROMERO, 2001, p. 19).

A exaltação da figura de Sílvio Romero vai além da sua persistência em forjar uma feição de nossa identidade. Para além dessa contribuição ele ainda, quando nem se falava em estudos culturais, valorizará as contribuições das diversas esferas da cultura, principalmente a popular, na construção do entendimento do que somos. Foi ele que primeiro abriu espaço para um conceito culturalista da literatura, investigando tanto as manifestações eruditas quanto as populares.

Destacou-se ainda como político, advogado e professor. Suas contribuições, tão variadas como valiosas para a história da cultura brasileira revelam o quanto de seu interesse pelo progresso da nação e suas preocupações, marcadas pelo engajamento crítico, com as questões nacionais.

Referências Bibliográficas

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5. ed. rev. e amp São Paulo: Melhoramentos, 1980.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: Volume IV era Realista, era de transição. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.

DIAS, Gonçalves. **Poemas**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: história de uma ideologia. São Paulo: Pioneira, 1983.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.:
Universidade Federal de Sergipe, 2001.

ROMERO, Sílvio. **Compêndio de história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro:
Imago Ed.; Universidade Federal de Sergipe, 2001.

ASSIS, Machado. **Notícias da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade**.
Disponível em <<http://www.ufrgs.br/cdrom/assis/massis.pdf>> Acessado em 20 de janeiro
de 2011.